

Abrigos ciclólicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza^I

■ FRANCISCO HENRIQUES

■ JOÃO CARLOS CANINAS

■ MÁRIO CHAMBINO

■ ANDRÉ PEREIRA

■ EMANUEL CARVALHO

Membros e colaboradores da Associação de Estudos do Alto Tejo

www.altotejo.org

E-mail: altotejo@gmail.com

RESUMO Divulgam-se três abrigos rupestres localizados em rios situados no sul do distrito de Castelo Branco. Além das características estruturais, ciclólicas, têm a particularidade de conterem ou serem acompanhados por grafismos rupestres, pré-históricos e modernos. No rio Erges existem dois abrigos, distanciados, um do outro, vários quilómetros. O da Tapada da Foz tem vários painéis gravados por picotagem. Predominam as figuras antropomórficas, em paredes verticais e, no solo, ocorrem manchas de picotado e covinhas. No abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas existe um painel profusamente gravado com filiformes e vários outros com escasso número de idênticos grafismos, em redor de uma entrada. No abrigo de Chão das Servas (rio Ocreza) os grafismos rupestres estão presentes no exterior, em frente da entrada. Consistem em cinco pequenas manchas de picotado, de configuração subcircular, próximas umas das outras. O interesse da divulgação destas construções advém da sua suposta antiguidade, assinalada por grafismos rupestres, das suas características incomuns, localização em leito de cheia, e dimensões ciclólicas, e do seu aparente ineditismo na bibliografia arqueológica.

ABSTRACT² We reveal three cyclopean shelters disclose, with prehistoric rock art, located in the southern district of Castelo Branco. The three shelters in question in addition to its structural characteristics, have the particularity to contain or be accompanied by rock art, prehistoric and modern. In the Erges river there are two other shelters, distanced from one another, several miles. The shelter of Tapada da Foz has several panels (floor and walls) recorded by pecking (or perforation). In these graphics dominate the anthropomorphic figures on vertical walls and on the ground, staining occurs in perforated and dimpled. At another shelter, in Foz do Ribeiro of Taliscas, there is a single panel profusely engraved with filiform and with several other small demonstrations around the previous entry in the shelter, which was extended in modern times. In the under floor of Chão das Servas (river Ocreza) the rock carvings are present on the outside and in front of the entrance, and consists of five small patches of perforation configuration sub-circular, near each other. The interest of these structures comes from: its location in the bed filled rivers of anthropogenic origin and their cyclopean dimensions; of their unusual characteristics and apparent newness in the archaeological literature.

Introdução

Caracterizam-se três abrigos rupestres cujo interesse é potenciado pela presença de grafismos pré-históricos (gravações incisivas e picotadas). Situam-se no centro interior de Portugal, no sul do distrito de Castelo Branco e são as primeiras ocorrências deste tipo de que temos conhecimento nesta região.

Dois deles estão localizados no extremo leste do concelho de Idanha-a-Nova, na margem direita do rio Erges (Fig. 1, n.ºs 1 e 2), junto à fronteira com Espanha. O terceiro caso situa-se

no concelho de Vila Velha de Ródão, na margem esquerda do rio Ocreza³ (Fig. 1, n.º 3). Os três abrigos estão implantados em fundo de vale, junto da linha de água, em leito de cheia.

As estruturas em apreço, a que atribuímos uma génese antrópica, estão materializadas por blocos de metagrauwaque, de dimensões ciclópicas, mas definem pequenas cavidades. Estas construções podem ter desempenhado distintas funções, em diferentes momentos, de sede de práticas mágico-religiosas a locais de abrigo, de espera ou de controlo de passagem.

No decurso da consulta a diversos investigadores⁴ e da pesquisa de bibliografia referente ao território português e à Extremadura, não foram encontrados paralelos para este tipo de estruturas. Contudo, na bibliografia arqueológica existem referências a abrigos rupestres, com grafismos antigos, localizados em vales fluviais e em leito de cheia, mas não têm as características antrópicas que reconhecemos nos três casos da região de Castelo Branco.

Poderão estas construções corresponder a um particularismo regional?

1. Abrigos em leitos de cheia

Estão em leito de cheia os abrigos, naturais ou artificiais, que se situam nas margens de rios, a curta distância da linha de água e pouco acima do seu nível médio, ficando, por esse facto, sujeitos a submersão, de modo ocasional ou sazonal.

Da consulta efectuada constata-se que na bibliografia arqueológica não abundam sítios com estas características. Exemplificamos com dois casos, um localizado no rio Erges e o outro na margem direita do rio Tua, junto da sua confluência no rio Douro.

O primeiro caso, denominado *abrigo Catarina* (Nobre, 2008), localiza-se na margem esquerda do rio Erges, no município espanhol de Alcántara, imediatamente a jusante do cânhamo fluvial de Segura. Situa-se em leito de cheia, a 7 m de distância do rio e a menos de 1 m acima do nível médio das águas durante o estio. A entrada está voltada para o rio, orientada a norte.

O abrigo Catarina abre-se numa formação metassedimentar. O chão desenvolve-se em dois patamares. O primeiro, mais baixo, contém sedimento arenoso, resultante de deposição fluvial. O segundo patamar é uma bancada rochosa inclinada para sul. A entrada, com desenvolvimento paralelo ao rio, tem a configuração de um trapézio em que os lados maiores correspondem ao tecto e ao chão. A altura da cavidade é maior do lado montante e menor do lado jusante⁵.

O interior do abrigo tem três painéis, subverticais, com 16 figuras picotadas. O painel 1 contém dois antropomorfos e vestígios de um terceiro. O painel 2 comporta seis figuras, uma linha, quatro antropomorfos e um antropomorfo ramiforme (?).

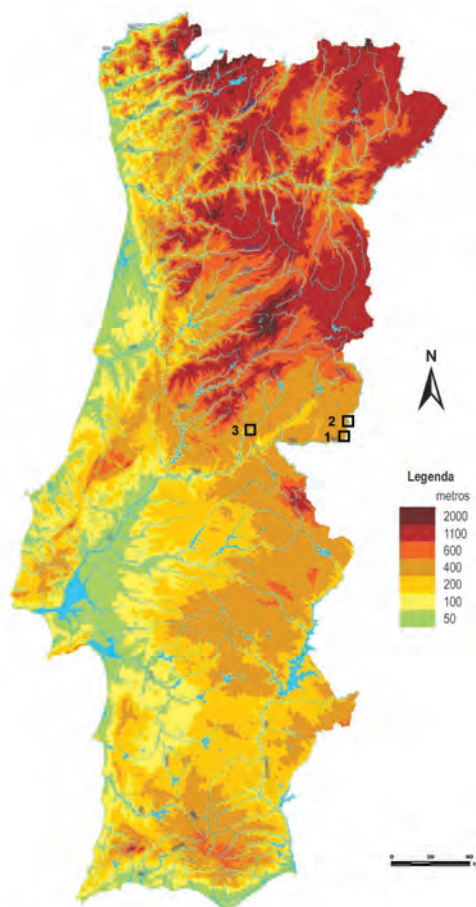


FIG. 1 – Localização dos abrigos de Foz do Ribeiro das Taliscas (1), Tapada da Foz (2) e Chão das Servas (3), em extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em www.guiadeportugal.pt).

O painel 3 tem sete figuras, uma linha, dois pontos, uma mancha e três antropomorfos, e algumas zonas foi previamente polido. Este sítio fica escassos quilómetros a montante do abrigo da Tapada da Foz, onde existem motivos semelhantes. Os antropomorfos são estilisticamente esquemáticos. O conjunto gráfico foi atribuído (Nobre, 2008) ao período IV da arte do Tejo (Gomes, 1987), correspondente ao Calcolítico.

O segundo caso, designado por Foz do Tua⁶, localiza-se na margem direita deste rio a escassas centenas de metros da sua foz, na margem direita do rio Douro, em território pertencente ao concelho de Alijó, no distrito de Vila Real.

A cavidade em causa situa-se no limite do leito do rio e consiste em fenda horizontal aberta em afloramento de rocha meta-sedimentar. A entrada, com vários metros de desenvolvimento, apresenta-se paralela ao rio e tem uma presença relativamente discreta na paisagem. A altura diminui progressivamente para o interior. No interior e na entrada do abrigo foram identificadas várias dezenas de painéis com gravuras e pinturas a vermelho. Estão documentadas, como técnicas de gravação, picotagem, abrasão, incisão fina e raspagem, esta última menos utilizada (Valdez & Teixeira, 2010). Quanto aos motivos, foram registados fusiformes, covinhas, incisões não figurativas, alfabéticos e zoomorfos, estes últimos no painel vertical exterior. Observam-se algumas sobreposições. Os grafismos ali identificados são atribuídos ao Paleolítico Superior, à Pré-História Recente e à Época Contemporânea (Valdez & Teixeira, 2010).

A pesquisa documental que efectuámos no âmbito deste texto não foi exaustiva, mas, decerto, encontraríamos outras situações de abrigos naturais, com grafismos rupestres, em leito de cheia, situação topográfica cuja importância devemos questionar, seja ao nível das crenças antigas seja do uso sazonal dos respectivos espaços.

Não foi possível obter informação acerca da presença de abrigos construídos no rio Sabor, em situação de leito de cheia.

2. O rio Erges

O rio Erges nasce na serra da Gata, em Espanha, e desagua na margem direita do rio Tejo. Marca a fronteira entre Portugal e Espanha, ao longo de mais 50 km. Apresenta características torrenciais, com caudal diminuto durante o verão e elevado no período das chuvas. O encaixe do vale aumenta, progressivamente, à medida que se aproxima da foz. Corre, aproximadamente, na direcção Norte-Sul.

O vale do rio Erges encontra-se aberto, maioritariamente, nas rochas meta-sedimentares que constituem o Grupo das Beiras. Contudo, na área de Monfortinho atravessou crista quartzítica e nas áreas de Salvaterra do Extremo e de Segura rompeu massa de rochas magmáticas (vulgo granitos), formando canhões.

Actualmente, é um vale pouco humanizado e sem barragens, excepto na parte terminal do seu curso onde está sob influência da albufeira da barragem de Cedillo. O último terço do seu vale integra o Parque Natural do Tejo Internacional e o GeoPark Naturtejo. Nesta área existem três geomonumentos, os canhões fluviais de Monfortinho, Salvaterra do Extremo e Segura (Rodrigues & *alii*, 2008).

Na metade jusante e além dos três abrigos com grafismos rupestres pré-históricos, já referidos, foram registados treze outros sítios, em ambas as margens; sete na margem portuguesa (Henriques & *alii*, 2011) e seis na margem espanhola (Nobre, 2008). As rochas gravadas encontram-se de modo espaçado, ao longo do rio, não existindo nenhuma concentração. Os painéis ocorrem igualmente isolados ou em pequenos conjuntos de dois ou três, em qualquer dos casos com escasso número de figuras.

Os motivos representados são pouco diversificados e estão polarizados em antropomorfos esquemáticos, na margem direita, e formas circulares (círculos, semicírculos, círculos concêntricos, círculos com ponto central, círculos compartimentados), na margem esquerda. As representações da margem direita, ocupam maioritariamente painéis subverticais, enquanto as da margem esquerda ocorrem em painéis sub-horizontais, excepto no abrigo Catarina. As sobreposições de figuras, estando ausentes na margem esquerda (Nobre, 2008), foram observadas unicamente nos abrigos da margem direita; consistem em múltiplas sobreposições incisas no interior do abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas e na sobreposição de uma mancha de picotado por uma covinha, no abrigo da Tapada da Foz.

2.1. Foz do Ribeiro das Taliscas

O abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas está localizado na margem direita do rio Erges, na sua fase terminal, em espaço pertencente ao concelho de Idanha-a-Nova (freguesia de Rosmaninhal).

O vale, nesta área, tem secção em V, ligeiramente aberto e com o fundo marcado por uma esteira contínua de afloramentos caóticos de metagrauvaque, com tons de azul e castanho. O coberto vegetal é espontâneo, incluindo variados tipos de arbustos e azinheiras. Restam vestígios de um antigo moinho, que poderia já existir no século XVIII, aproveitando um estrangulamento natural do rio para instalação do açude. Este estrangulamento podia ser facilmente usado, ao longo dos vários períodos históricos, para atravessamento do rio.

O abrigo localiza-se em leito de cheia, a escassos metros de distância do leito do rio, bem dissimulado na paisagem (Fig. 2). É delimitado por três enormes blocos de metagrauvaque, assentes directamente sobre o afloramento rochoso (Figs. 3, 5 e 8), formando vão de 2,5 m de fundo, por 2,1 m de largura e 2,2 m de altura.



FIG. 2 – Foz do Ribeiro das Taliscas. Vista de jusante, da margem esquerda.



FIG. 3 – Foz do Ribeiro das Taliscas. Vista da margem oposta. Ruínas de casa de moleiro na encosta sobranceira ao abrigo.



FIG. 4 – Foz do Ribeiro das Taliscas. Entrada voltada ao rio. Simulação, a traço branco, da massa retirada em época moderna.



FIG. 5 – Foz do Ribeiro das Taliscas. Entrada lateral, voltada a montante.

Pelo modo como os blocos estão dispostos e pela facilidade do seu desprendimento, a partir do afloramento sobranceiro, colocamos a hipótese de este abrigo ter sido construído, mesmo que parcialmente. Para o efeito, bastaria fazer o arrastamento, ou provocar a queda, e arrumação do bloco que limita o abrigo a norte, apesar da sua grande dimensão, e, seguidamente, provocar a queda do bloco solto que o cobre.

A estrutura assenta directamente sobre uma superfície aplanada do substrato rochoso (Fig. 8). O interior conserva algum enchimento, constituído por pedras, terra e areia, resultante de depósito moderno, carregado pelo rio em período de maior caudal. O fundo do abrigo é formado pela parede vertical do afloramento.

A cavidade tem duas entradas (Figs. 4 e 5). Uma está virada a Nordeste, recuada em relação ao rio. Esta entrada, que nos parece ter sido a original, está confinada entre o bloco que forma a parede Norte e o afloramento vertical. A segunda entrada está voltada a Este, para o leito do rio, e, originalmente, poderá ter sido uma fresta ou “janela”. O vazio que se observa actualmente pode ter resultado do alargamento da fresta, entre blocos (simulação na Fig. 4), e ter sido executado, em tempos modernos, para facilitar o acesso ao interior ou para proporcionar uma melhor iluminação natural da cavidade.

O moinho, que existiu na vizinhança do abrigo, encontra-se indiciado por pequenas cavidades rectangulares abertas na rocha de base, destinadas ao assentamento de elementos estruturais do edifício, uma mó em granito, no leito do rio e uma calçada de acesso. Serão coevos do moinho os grafismos modernos, abertos por picotagem na superfície subvertical do grande bloco rochoso que forma a parede jusante. Estamos certos que durante a exploração do moinho o abrigo foi ocupado e terá sido neste período que foi alargada a entrada que está voltada para o rio.

Sobre os blocos que formam o abrigo foram observadas duas técnicas de gravação: picotagem e incisão fina. Os picotados concentram-se ao ar livre, no amplo painel subvertical já referido, no exterior do abrigo, junto da entrada deste, e definem letras (iniciais de nomes) e números (datas): J. F. 1942 (26 – 3); 1893 (23 S); 1941 FVBP METM; F. H (?), 1888, M.C.D.L. (?); 1705 (8-5 [?]); MDBJ; GDD. As datas correspondem aos séculos XVIII a XX.

No canto inferior direito, no lado Oeste deste painel, junto da entrada do abrigo, observam-se gravações incisivas muito erodidas. Os grafismos presentes na extremidade esquerda deste bloco, mais perto do rio, denotam forte desgaste provocado pela erosão fluvial, efeito superior ao que se observa em sectores mais recuados do mesmo painel.

No interior do abrigo identificou-se um concentrado de incisões (Figs. 6 e 7), não figurativos, na face vertical de um bloco de contorno subtrapezoidal que limita o abrigo no lado Nor-nordeste. As gravações concentram-se, principalmente, numa mancha de 40 cm x 80 cm, no



FIG. 6 – Painel interno com incisões finas.

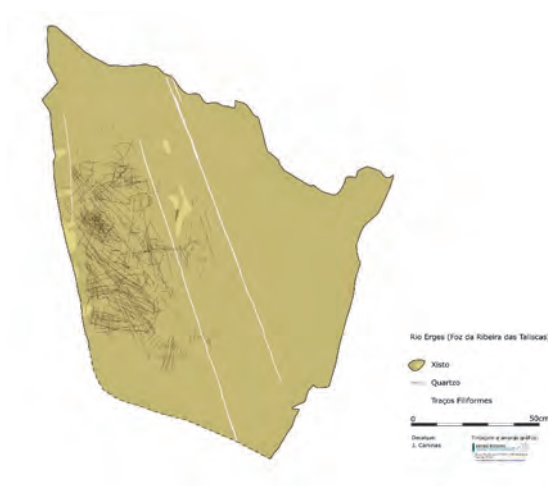


FIG. 7 – Levantamento dos grafismos presentes no painel documentado na figura anterior.

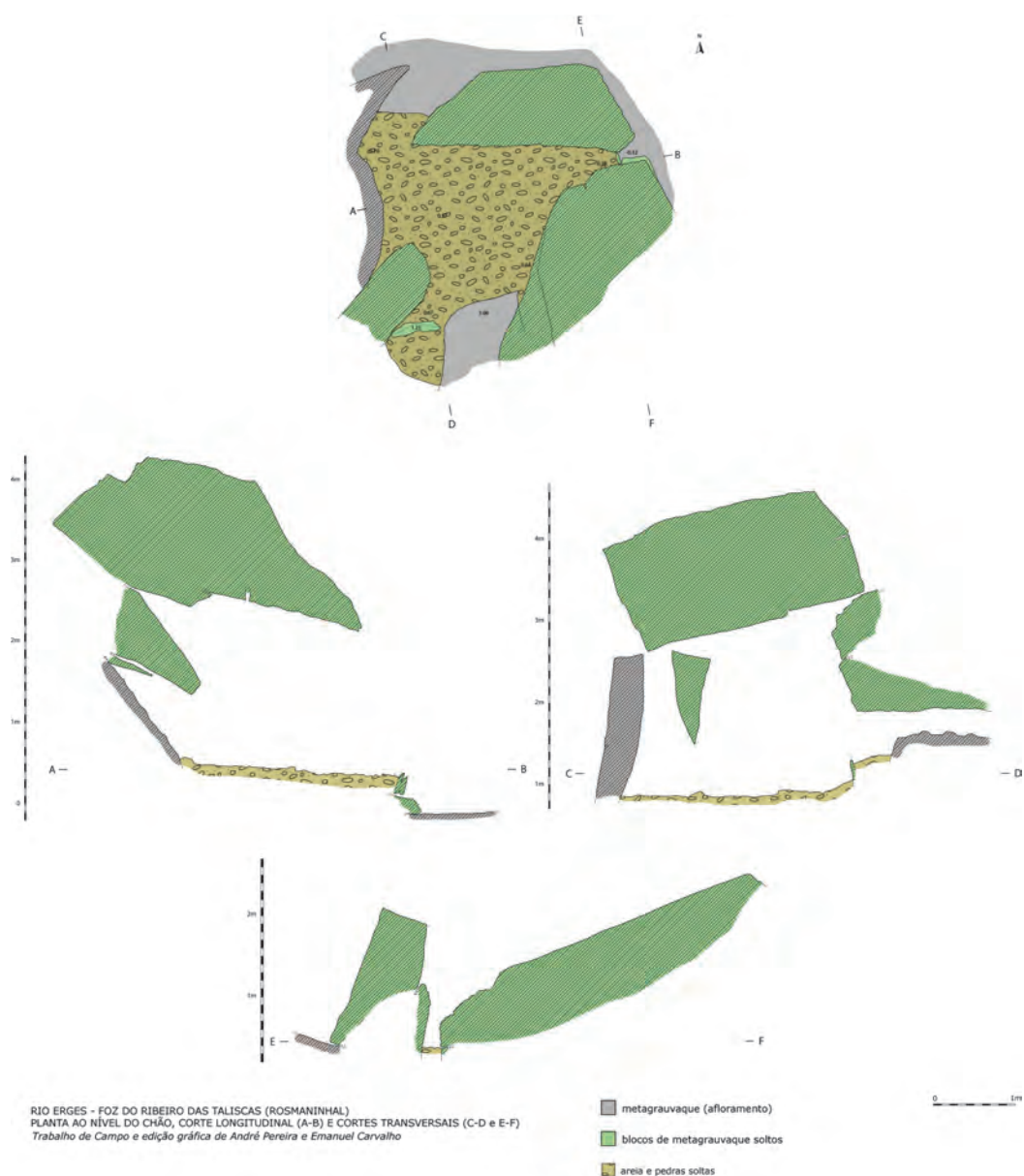


FIG. 8 - Planta e cortes do interior do abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas.

lado oeste do painel, junto da entrada traseira do abrigo. No lado leste do mesmo bloco, junto da entrada frontal, também se observaram incisões, em menor número, em virtude, talvez, da destruição provocada pelo alargamento desta entrada. A superfície gravada apresenta tons de amarelo, vermelho e cinzento-escuro.

Os sulcos têm variações de espessura e diferentes patines. Há múltiplas sobreposições formando reticulados. Na parte cimeira do painel observa-se o que parece ser a assinatura de um nome, com uma patine mais clara, de idade coeva da utilização do moinho, situado nas proximidades. A maioria dos traços é mais antiga, mostrando uma patine mais escurecida e concreções minerais formando pequenos nódulos depositados sobre as fissuras de gravação. Após análise preliminar, o arqueólogo António Martinho Baptista, a quem se agradece a visita que efectuou a este local, é de opinião que estas gravações poderão ser anteriores à Idade do Ferro. Contudo, a complexidade deste conjunto gráfico exige um levantamento minucioso, que permita isolar os diferentes motivos e a sequência das gravações (Henriques, Caninas & Chambino, 2008a; Henriques & alii, 2011).

2.2. Tapada da Foz

O abrigo da Tapada da Foz também pertence ao concelho de Idanha-a-Nova (freguesia de Segura). Está localizado no terço médio do rio, no fundo do vale, que aqui tem secção em V relativamente aberto. Encontra-se implantado na margem direita do rio Erges, a 7 m de distância da linha de água e cerca de 1 m acima do nível médio do caudal de verão. As margens têm revestimento arbóreo e arbustivo com olival, abandonado, zambujeiros e azinheiras.

Neste local terá existido um moinho, de que não restam vestígios, excepto a base arqueada de um açude, no leito do rio, construído em técnica de carril, quase imperceptível, aquando do reconhecimento, por se encontrar submerso. Esta estrutura posiciona-se no início de um pequeno rápido que facilita a transposição do rio.

A cavidade deste abrigo é formada por três enormes lajes de rocha meta-sedimentar tombadas sobre afloramento com duas superfícies desniveladas (Figs. 9, 10 e 15). A laje de maiores dimensões define a parte anterior do abrigo e está apoiada, obliquamente, nos dois planos desnivelados do degrau rochoso. As outras duas lajes, de menores dimensões, fecham a parte posterior do abrigo. A cavidade tem planta subrectangular (3,5 m de profundidade e 2 m de largura) e secção subtriangular. A altura interior é de 1,5 m. A entrada está aberta a 270° N. Além da entrada referida, existem duas outras aberturas ao exterior. Uma dessas aberturas situa-se ao nível do solo, voltada a nascente, e outra está cerca de 1 m acima do chão, virada a poente, configurando uma “janela”.

Tal como no caso anterior, também se admite que esta estrutura tenha uma génese antrópica, mesmo que parcial, nomeadamente através do fecho da retaguarda do abrigo, situada no lado norte, com blocos de menores dimensões.



FIG. 9 - Tapada da Foz. Vista de jusante, da entrada.



FIG. 10 – Tapada da Foz. Vista da parte traseira da estrutura, tomada de montante.



FIG. 11 – Tapada da Foz. Antropomorfo esquemático sobre a entrada.

As gravações situam-se sobre a entrada, no chão rochoso do abrigo, em ambos os lados da “janela” virada a poente, no tecto e no fundo do abrigo.

Na face frontal do bloco de maiores dimensões existe uma única figura (Fig. 11), inscrita em plano vertical. É um antropomorfo ancoriforme com 5,2 cm de altura por 5,2 cm de largura, com cabeça, membros superiores e tronco. A verticalidade desta figura sugere gravação após o assentamento da grande laje que lhe serve de suporte. No exterior, junto da entrada, também se identificou figura subcircular e picotado disperso.

A maioria dos grafismos encontra-se nos lados da “janela” aberta a poente, em planos verticais e subverticais. No lado esquerdo, em relação a um observador posicionado no interior do abrigo, o painel parece ter sido previamente polido, numa faixa de 50 cm x 10 cm, ainda que haja figuras que extravasam essa área. A preparação de painéis, através de polimento, antes da gravação, também foi reconhecida na margem esquerda deste rio, no abrigo Catarina (Nobre, 2008). Do lado direito, existem, aparentemente, seis antropomorfos ancoriformes figurando apenas os membros superiores e o tronco. A gravação de alguns destes motivos parece aproveitar saliências arqueadas, presentes na superfície da rocha, para inscrição dos membros superiores. No lado direito da “janela” observam-se mais cinco ou seis antropomorfos (Fig. 12) sobre superfície áspera e ligeiramente convexa.

Existem outros painéis com grafismos, no tecto (círculos, antropomorfos e picotado disperso) e no fundo do abrigo (três painéis com vários antropomorfos esquemáticos, alguns sob a enorme placa de grauvaque que se desprende do tecto), estes em condições, actuais, de difícil acessibilidade (Fig. 13).

No chão do abrigo, em plano inclinado para a entrada, observam-se grafismos tipologicamente distintos dos anteriores. A superfície do painel apresenta-se esfoliada em vários pon-



FIG. 12 – Tapada da Foz. Antropomorfo esquemático numa das faces da janela.

tos, pelo que podem ter existido outras gravações. Foi identificada uma grande mancha sub-circular (Fig. 14) definida por picotado descontínuo (14 cm x 15,7 cm) no interior da qual foi aberta, por abrasão, um pequena covinha com 2 cm de diâmetro. Ao lado desta mancha existe uma segunda covinha (1,5 cm de diâmetro), mais discreta, aberta por picotagem. Noutros pontos do chão do abrigo observa-se picotado disperso.

Junto da abertura voltada a nascente observa-se um motivo oval (zoomorfo sem pernas e sem cabeça?) com 6,7 cm de diâmetro maior e 3,8 cm de diâmetro menor (Henriques, Caninas & Chambino, 2008a; Henriques & alii, 2011).

No contexto do rio Erges, o abrigo da Tapada da Foz deve ser sobrevalorizado, tendo em consideração a carga simbólica inscrita no seu interior, patente na diversidade e quantidade de símbolos e na sua distribuição espacial.



FIG. 13 – Figuras situadas no fundo do abrigo.

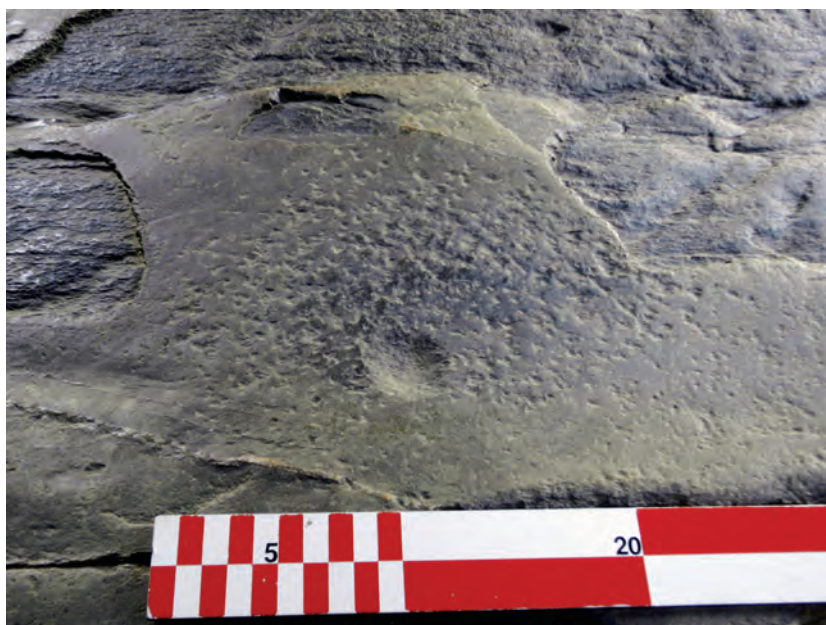


FIG. 14 – Nuvem de picotado e covinha no chão do abrigo.

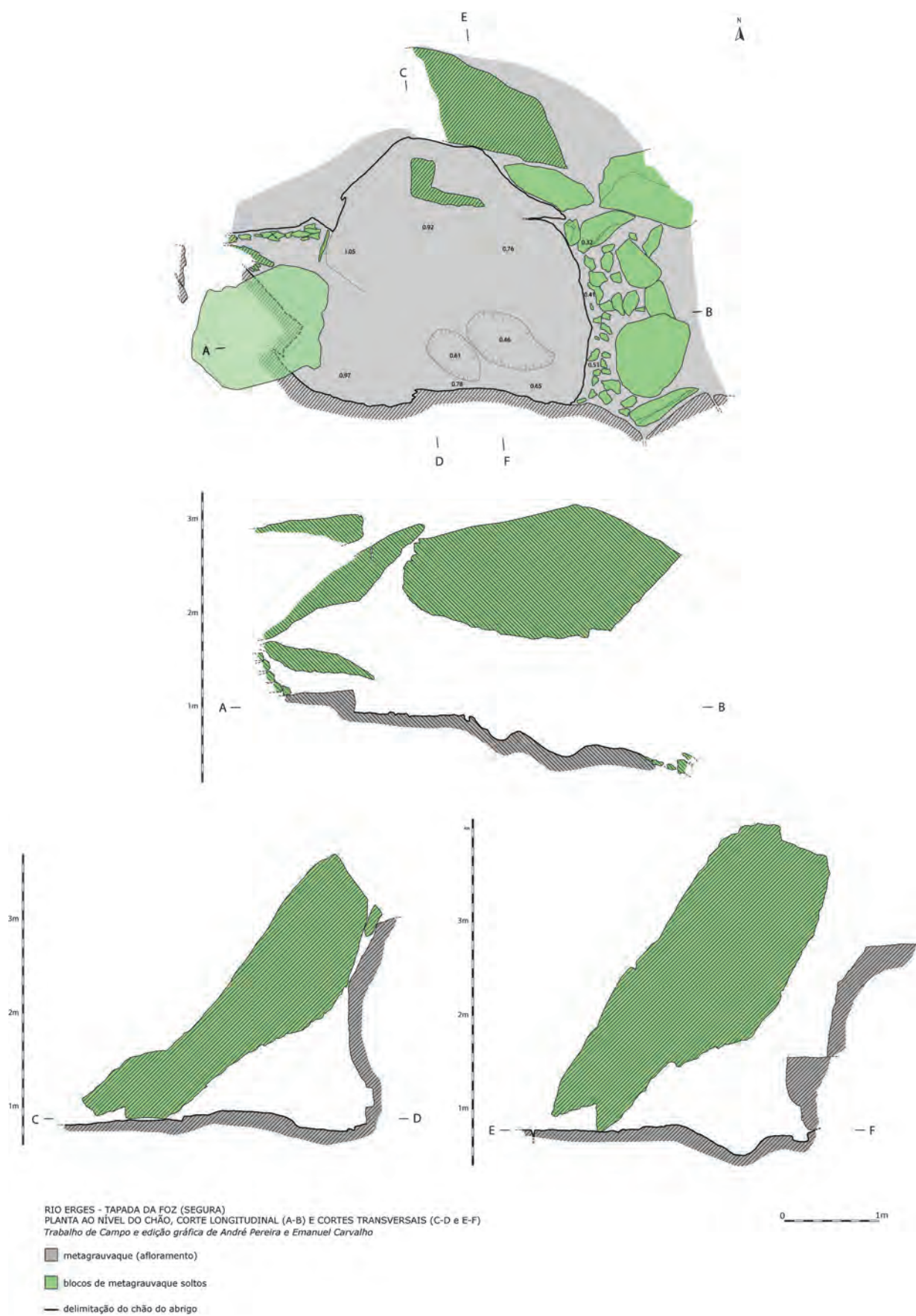


FIG. 15 – Planta e cortes do interior do abrigo da Tapada da Foz.

3. O rio Ocreza

O rio Ocreza nasce na serra da Gardunha e desagua na margem direita do rio Tejo, a jusante da barragem de Fratel, com um percurso de cerca de 80 km de comprimento. No seu curso existem três barragens: Salles Viana; Santa Águeda (Marateca) e Pracana. Nos primeiros quilómetros, a partir da nascente, tem andamento orientado para Sul, até à freguesia de Caféde, e a partir daí corre alinhado a sudoeste. É um rio de feição torrencial, com forte caudal no inverno e caudal diminuto no Verão.

O curso superior assenta sobre rochas magmáticas (granitos) e os trechos médio e inferior incidiram sobre as rochas meta-sedimentares que integram o Grupo das Beiras. Na área de Foz do Cobrão o rio rompeu a crista quartzítica da serra das Talhadas.

Nos trechos inferior e médio, não parece ter havido, ao longo da história humana, uma presença quotidiana significativa na adjacência do rio, tendo em conta as características do vale e a pobreza do solo. O encaixe do rio terá condicionado uma diversificação e intensificação de actividades produtivas e de assentamentos humanos.

No rio Ocreza existe variabilidade na representação dos grafismos rupestres em função da posição no curso do rio, a jusante ou a montante da barragem de Pracana. A jusante da barragem da Pracana há uma maior concentração de rochas gravadas com destaque para dois núcleos, denominados Barragem de Pracana e Ocreza (Oosterbeek, 2003). O primeiro é constituído por 18 painéis e o segundo por 13. A montante da barragem os painéis gravados distribuem-se espaçadamente ao longo de ambas as margens, com excepção do núcleo da Ponte das Ferrarias, constituído por onze painéis.

A montante da barragem de Pracana, os painéis estão implantados, predominantemente, na margem direita (89,7%). A jusante, também se distribuem, maioritariamente, pela margem direita (Henriques & *alii*, no prelo). A montante da barragem da Pracana, não são conhecidos grafismos pré-históricos em suportes verticais. A jusante desta barragem estão referenciados sete painéis verticais (22,6%) gravados por picotagem e incisões lineares (Oosterbeek, 2003).

Os motivos representados ocorrem em maior quantidade e diversidade a jusante da barragem de Pracana. Neste troço, foram identificadas manchas, zoomorfos, antropomorfos, círculos, semicírculos, linhas, espiral, subcirculares e meandriforme; alguns destes motivos não estão presentes no troço montante. Neste mesmo trecho, foram identificadas gravuras lineares incisais. No troço montante dois terços das gravuras são manchas de picotado (nuvens). Além destes motivos, monótonos, foram referenciados três painéis com covinhas, círculos, semicírculos, círculos concêntricos e uma oval (Henriques & *alii*, no prelo; Zephyros, 2009; Teixeira & Pires, 2010).

As sobreposições ocorrem apenas no troço situado a jusante da barragem, em quatro painéis, sub-horizontais, gravados com filiformes e picotados, no núcleo de Barragem de Pracana. Em três deles os filiformes sobrepõem os picotados dispersos e num único observa-se o inverso (Oosterbeek, 2003).

3.1. Chão das Servas⁷

Este abrigo está localizado no troço médio do rio Ocreza, na margem esquerda, no concelho de Vila Velha de Ródão. Situa-se no fundo de um vale em V, relativamente aberto, a 8 m de distância da linha de água, em pleno leito de cheia. Neste sítio, a margem direita apresenta-se ocupada com olival, tratado, disposto em socacos. Na margem esquerda além de olival, abandonado, existem pinhal e matos diversos.

A cavidade é delimitada por dois blocos (Figs. 16 e 17), de metagrauvaque, que devem ter-se desprendido, natural ou artificialmente, da massa rochosa anexa, tendo sido arrumados. Pela dimensão dos blocos e pelo modo como se dispõem atribuímos-lhe uma origem antrópica. A construção não parece ter sido uma tarefa difícil. Os blocos estão unidos pelo topo e afastados na base, configurando espaço de secção triangular. A cavidade tem planta rectangular (210 cm x 120 cm) e 120 cm de altura. O bloco do lado montante oscila. Ambos os blocos assentam, directamente, sobre o afloramento. A parede do fundo do abrigo corresponde à superfície vertical do afloramento, que excede em muito a altura deste. A entrada está voltada para o rio (Nor-Noroeste). Não tem grafismos nem sedimentos no interior (Zephyros, 2011).

Em frente da entrada do abrigo existe um painel com manchas de picotado (nuvens), gravadas sobre afloramento de metagrauvaque, localizado junto da linha de água, a cerca de 8 m de distância do abrigo.

O painel tem configuração sub-rectangular (240 cm x 93 cm), posição sub-horizontal, cor azul-acastanhada, suavemente ondulado e ligeiramente inclinado para o rio (Fig. 18). Ao longo do painel observam-se cinco pequenas concentrações de picotado definindo manchas de contorno subcircular (Fig. 19). O picotado é semelhante em todas as manchas: contínuo, profundo, de contorno oval, tamanho médio e orientado em direcção paralela ao plano de xistosidade. As dimensões ortogonais das manchas, consideradas de norte para sul, são as seguintes: 13 cm x 7 cm; 10 cm x 8 cm; 6 cm x 7 cm; 4 cm x 6 cm; 13 cm x 25 cm.



FIG. 16 – Chão das Servas. Vista a partir da margem do rio.



FIG. 17 – Chão das Servas. Vista aproximada da cavidade.



FIG. 18 – Chão das Servas. Afloramento gravado.



FIG. 19 – Chão das Servas. Vista de algumas manchas de picotado.

Considerações finais

Os grafismos rupestres identificados nos abrigos dos rios Erges e Ocreza têm enquadramento na densa ocupação pré-histórica conhecida nas plataformas que cercam as suas margens, tanto em Portugal como em Espanha. Tal ocupação encontra-se evidenciada, nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa, por elevado número de monumentos megalíticos e por sítios de *habitat* sobre as coberturas detríticas cenozóicas que envolvem o alto Tejo português (Henriques & Caninas, 1980, 1986; Henriques, Caninas & Chambino, 1993, 2008b; Cardoso, Caninas & Henriques, 2003).

No sul do distrito de Castelo Branco, o rio Erges emerge como um caso excepcional, relativamente ao número e às características dos seus abrigos, construídos, em leito de cheia, e com grafismos rupestres. Esta realidade não se encontra documentada no rio Tejo⁸, no trecho onde se centra o complexo de arte rupestre pós-paleolítica (Baptista, Martins & Serrão, 1978; Baptista, 1981, 1986, 2001; Gomes, 1989, 2000).

Os três abrigos, objecto desta notícia, apresentam algumas características comuns. A primeira corresponde à implantação no fundo dos vales, em leito de cheia e a curta distância da linha de água⁹. Esta posição topográfica determina a fácil submersão destas estruturas, o que permite supor que o seu uso ocorreria, preferencialmente, durante a primavera, no verão e em parte do outono.

Outra característica comum decorre da sua construção com material pétreo local, circunstância inevitável, tendo em conta a dimensão dos blocos utilizados naquelas estruturas. A utilização destes materiais, sobre substrato de idêntica natureza e coloração, associada à

disposição dos blocos, contribui para a sua “camuflagem” na paisagem. O único aspecto distintivo, e que pode captar a atenção, é a ausência de luz no interior da estrutura, quando observado da entrada. Mesmo nestas circunstâncias, qualquer destes abrigos passa despercebido a poucas dezenas de metros de distância da sua entrada, porque, de outras direcções, não se observam caracteres que despertem a atenção. É atribuída idêntica característica (Sanches, 1985) ao abrigo de Fragas da Lapa (Miranda do Douro), também situado próximo de linha de água (ribeira das Veigas).

O abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas estaria completamente oculto, antes do alargamento da fenda, que hoje dá acesso ao seu interior pelo lado leste. Antes desse alargamento, através desta fenda já seria possível controlar um pequeno troço do vale, uma pequena praia e um estrangulamento que facilitava a travessia do rio.

Uma outra característica, impressionante, é a dimensão ciclópica dos blocos que formam aquelas estruturas, sobretudo no rio Erges, dado que são de menor dimensão os do abrigo do Chão das Servas, no rio Ocreza. O uso exclusivo de elementos rochosos e a sua dimensão proporcionam uma aparência de extrema robustez.

Após um olhar ponderado destas arquitecturas, admitimos a possibilidade de ter ocorrido arranque dos blocos no afloramento local, ou terem sido arrumados blocos que já se encontrassem destacados, em ambos os casos através de queda controlada ou arrastamento, para a disposição actual. Deste modo, defendemos uma génese antrópica para as estruturas tal como se observam na actualidade¹⁰.

Os grafismos presentes no interior dos abrigos analisados e nas margens dos rios da região de Castelo Branco (Tejo, Ocreza e Erges) conectam-se com as realidades gráficas, gravadas e pintadas, que ocorrem em topografias de cota superior, seja em monumentos megalíticos e em rochas ao ar livre, no planalto (Bueno & *alii*, 2006; Oosterbeek, 2003), seja em abrigos serranos, por exemplo, em El Buraco, em Santiago de Alcántara (Bueno & *alii*, 2006), no Pego da Rainha, em Mação (Cardoso, 2003), no extremo sul da serra de São Mamede, em Arronches (Oliveira & Oliveira, 2008) e no Chão de Galego (inédito).

Os antropomorfos representados no Erges, em geral acéfalos, maioritariamente de braços arqueados, e em alguns casos sem membros inferiores, são muito coerentes com o que se conhece na Arte do Tejo (casos das figuras 10 e 20 da rocha F155 de Fratel, Baptista, 1981; da rocha 50 de São Simão, Baptista, Martins & Serrão, 1978; da rocha 37 da Lomba da Barca, Gomes, 2000), nas pinturas em abrigos (El Buraco, Bueno & *alii*, 2006; abrigo dos Gaivões, Oliveira & Borges, 1998; abrigo Pinho Monteiro, Gomes, 1985) e em monumentos megalíticos funerários (dólmen de Guadancil I, Bueno & Balbín, 2000). Tal significa que os grafismos rupestres do Erges, ponderados a partir dos motivos antropomórficos, integram um sistema simbólico e cultural mais vasto, de dimensão regional e multiplamente representado no território envolvente.

As figuras antropomórficas podem ser enquadradas no Neolítico Final-Calcolítico (segunda metade do IV e III milénio a.C.). Invocamos, para o efeito, as periodizações da arte do Tejo, propostas por António Martinho Baptista (fase II, megalítica, Baptista, 1981) e por Mário Varela Gomes (período meridional, Gomes, 1987), e a cronologia atribuída às sepulturas pré-históricas onde se observam os mesmos tipos de grafismos (Bueno & Balbín, 2000).

- ¹ Este documento corresponde ao desenvolvimento do poster apresentado na I Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História (Museu do Côa, Vila Nova de Foz Côa, 26 a 28 de Novembro 2010). A elaboração da representação gráfica dos abrigos teve o apoio de EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia.
- ² Tradução de Luísa Carreiro Filipe.
- ³ Os rios Erges e Ocreza são afluentes do rio Tejo na sua margem direita.
- ⁴ Agradecemos aos arqueólogos Primitiva Bueno Ramírez (UAH), Maria de Jesus Sanches (FLUP), Jorge de Oliveira (UE), Mário Varela Gomes (FCSH-UNL), António Martinho Baptista (PAVC) e Antonio González Cordero os esclarecimentos que nos proporcionaram.
- ⁵ As dimensões, obtidas na entrada, são 2,30 m de largura por 1,40 m de altura. A profundidade máxima é de 2,00 m.
- ⁶ Este abrigo foi identificado por dois dos signatários (FH e JC) no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, estudo coordenado por PROFICO Ambiente Lda, sendo o descritor Património Cultural da responsabilidade de EMERITA Lda. O sítio mereceu estudo aprofundado no âmbito do RECAPE daquele projecto (Valdez & Teixeira, 2010) e foi tema de um poster nesta mesa-redonda (Joana Valdez e Joana Teixeira).
- ⁷ O topónimo (Chão das Servas 7) foi obtido por aproximação cartográfica, no âmbito do RECAPE do Aproveitamento Hidroeléctrico de Alvito; corresponde à povoação onde nasceu o grande artista plástico Manuel Cargaleiro.
- ⁸ Circunstância confirmada, pessoalmente, pelos arqueólogos Mário Varela Gomes e António Martinho Baptista.
- ⁹ Maria de Jesus Sanches (1985) refere que os abrigos naturais de Vale de Espinheiros se situam no espaço imediatamente contíguo ao leito da ribeira das Veigas (Atenor, Miranda do Douro).
- ¹⁰ Esta interpretação carece de confirmação por outras especialidades técnicas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BAPTISTA, António Martinho; MARTINS, Maria Manuela; SERRÃO, Eduardo da Cunha (1978) - Felskunst im Tejo-Tal, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, pp. 89–101.
- BAPTISTA, António Martinho (1981) - *A Rocha F-155 e a origem da arte do vale do Tejo*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- BAPTISTA, António Martinho (1986) - Arte rupestre pós-glaciária: esquematismo e abstracção. In *História da Arte em Portugal, I*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 31–55.
- BAPTISTA, António Martinho (2001) - Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos*. Tomar. 11, pp. 163–192.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2000) - Arte megalítica en la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, pp. 345–379.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa María; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2006) - *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional*. Santiago de Alcántara (Cáceres): Ayuntamiento.
- CARDOSO, D. (2003) - Pego da Rainha (Mação). *Arkeos – Perspectivas em Diálogo*. Tomar. 14, pp. 59–72.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (2003) - Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 21, pp. 151–207.
- GOMES, Mário Varela (1985) - Abrigo Pinho Monteiro (Arronches). *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, pp. 90–91.
- GOMES, Mário Varela (1987) - Arte rupestre no vale do Tejo. In *Arqueologia no vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 26–43.
- GOMES, Mário Varela (1989) - Arte rupestre do vale do Tejo: um santuário pré-histórico. In *Encuentros sobre el Tajo: el agua y los asentamientos humanos*. Cáceres: Fundación de San Benito de Alcántara, pp. 49–75.
- GOMES, Mário Varela (2000) - A Rocha 175 de Fratel: iconografia e interpretação. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, pp. 81–112.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (1980) - Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1). *Preservação*. Vila Velha de Ródão. 3.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (1986) - Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). *Preservação*. Vila Velha de Ródão. 7.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (1993) - *Carta arqueológica do Tejo Internacional, 3 (Idanha-a-Nova)*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (2008a) - Cartografia arqueológica nos Rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco): primeira notícia. *Açaфа On-line*. 1 < http://www.altotejo.org/acafa/docs/estudos_e-Trabalhos/Cartografia_Arqueologica_do_Erges_e_Aravil.pdf >
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (2008b) - Carta arqueológica de Vila Velha de Ródão: uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de, eds. - *Graphical markers and megalith builders in the international Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress.

- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CARDOSO, João Luís; CHAMBINO, Mário (2011) - Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal). In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; CERRILLO CUENCA, Enrique; GONZÁLEZ CORDERO, Antonio, eds. - *From the origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region*. Oxford: Archaeopress, pp. 111-139.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário; HENRIQUES, Fernando Robles; ANTÓNIO, Telmo; SANTOS, Cézer; CANHA, Alexandre (no prelo) - Novos grafismos rupestres em afluentes do Tejo no distrito de Castelo Branco, comunicação às *Jornadas de Arte Pré-Histórica do Sudoeste Europeu*, 23 e 24 de Abril, de 2010, Fundão.
- NOBRE, Luís F. (2008) - Arte rupestre pré-histórica da margem esquerda do Rio Erges. *Arkeos*. Tomar.
- OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998) - Arte rupestre no Parque Natural da Serra de São Mamede. *Ibn Maruan*. Marvão. 8, pp. 193-202.
- OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge de (2008) - Percorso historiográfico do complexo de arte rupestre de Arronches – Portugal. In *III Taller Internacional de Arte Rupestre*. La Habana, Cuba 20 al 25 de Noviembre 2006: La Habana: Fundación “Antonio Núñez Jiménez” de la Naturaleza y el Hombre; Sociedad Espeleológica de Cuba, pp. 88-136.
- OOSTERBEEK, Luiz (2003) - Vale Ocreza: campanha de 2001. *Techne*. Tomar. 8, pp. 41-70.
- RODRIGUES, Joana de Castro; CARVALHO, Carlos Neto de; GERALDES, João (2008) - Património geológico de Salvaterra do Extremo. *Açafa On-line*. Vila Velha de Rodão, 1 < http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos_e_Trabalhos/Patrimonio_Geologico_Salaterra_Extremo.pdf >.
- SANCHES, Maria de Jesus (1985) - O abrigo com gravuras esquemáticas das Fragas da Lapa – Atenor, Miranda do Douro. *Portugalia*. Porto. Nova série. 6-7, pp. 7-20.
- TEIXEIRA, Joana Castro; PIRES, Hugo (2010) - *Relatório final de levantamento de arte rupestre - RECAPE do aproveitamento hidroelétrico do Alvito*. Zephyros Lda, inédito.
- VALDEZ, Joana; TEIXEIRA, Joana Castro (2010) - Levantamento da arte rupestre de abrigo no vale do Tua –RECAPE do aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua, EMERITA Lda / PROFICO Lda, inédito.
- ZEPHYROS (2009) - Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental em fase de Estudo Prévio do Aproveitamento Hidroelétrico de Alvito.
- ZEPHYROS (2011) - Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do RECAPE do Aproveitamento Hidroelétrico do Alvito (Medida 16).